



POESIA AFRICANA FEMININA: MEMÓRIAS E TESTEMUNHOS DO VIVIDO

POETRY AFRICAN WOMEN: MEMORIES AND WITNESSES OF THE LIVED

Dra. Laura Cavalcante Padilha¹

RESUMO: O artigo enfocará a produção poética de mulheres, editada depois das independências dos países africanos de língua oficial portuguesa em 1975, produção esta que encena não apenas as memórias dos conflitos históricos existentes nos lugares de pertença de suas autoras, mas também se debruçam sobre outras formas de violência enfrentadas pelas mulheres no passado colonial e ainda neste presente marcado pelo neocolonialismo, como bem previsto por Amílcar Cabral.

Escolhemos, para tanto, e dentre outras, as obras *É nosso o solo sagrado da terra* (1978), de Alda Espírito Santo (São Tomé e Príncipe) e *Sangue negro* (1951/2001), de Noémia de Sousa (Moçambique) que acabaram por fazer-se uma das bases do cânone poético feminino africano de língua oficial portuguesa. Tal se dá, seja por seus valores estéticos, seja por enlaçarem este estético ao ético, ao político e ao histórico-cultural de seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE: poesia feminina, Angola, Moçambique, memória, testemunho

ABSTRACT: *The article analyzes the poetic production of women, published after the independence of African Portuguese-speaking countries, in 1975. This production recreates not only the memories of historical conflicts that took place in the homeland of their authors, but also reflect on other forms of violence faced by women in the colonial past and still at this present marked by neocolonialism, as well predicted by Amílcar Cabral.*

*We chose, among others, the works *É nosso o solo sagrado da terra* (1978), de Alda Espírito Santo (São Tomé e Príncipe) e *Sangue negro* (1951/2001), de Noémia de Sousa (Moçambique). These authors are today one of the bases of the female poetic canon of African writing in Portuguese. This is achieved by the aesthetic values and the combination of these values to the ethical, political and historical-cultural of their time.*

KEYWORDS: *female poetry, Angola, Mozambique, memory, testimony*

¹ Profa. Emérita da Universidade Federal Fluminense – UFF. Pesquisadora do CNPq. lcpad2@gmail.com

1. Primeiros entrelaces

Qualquer título representa um pacto a ser cumprido. No entanto, o que ora apresento contém uma expressão inadequada: “poesia africana”. Sendo a África o múltiplo cultural que é, não me seria possível abarcar toda a poesia nela produzida por mulheres.

A expressão foi utilizada apenas por pura economia, a fim de que o título não se estendesse demais. Minha área de conhecimento é composta apenas pelas literaturas africanas que, depois das independências, fizeram da língua imposta pelo colonizador português a sua própria língua oficial, como sabemos. Quanto à escolha de trabalhar com a produção poética de mulheres dos cinco países – Angola; Cabo Verde; Guiné Bissau; Moçambique e São Tomé e Príncipe – também demanda outro esclarecimento. Desde a metade dos anos de 1990 me venho debruçando sobre tal produção. Movia-me então, como agora, o desejo de comprovar a quase elisão das vozes poéticas femininas que se faziam apenas breves inscrições nas diversas antologias que se publicaram na metrópole, e mesmo nas então colônias, sobre a poesia produzida por “africanos”, a partir do início da década de 1950, o que se estende até o fim dos anos 80. A primeira delas, ou seja, o chamado “caderno” intitulado *POESIA NEGRA de expressão portuguesa* (1953) e cujos organizadores foram Francisco José Tenreiro e Mário Pinto de Andrade, se abre com um poema do cubano Nicolas Guillén. Seguem-se os assinados por apenas seis poetas, sendo dois deles mulheres. São elas: a santomense Alda “do”² Espírito Santo, cuja voz escrita abre o pequeno caderno com o texto “Lá no Água Grande”, e a moçambicana Noémia de Sousa, que aí tem resgatados dois de seus poemas – “Magaíça” e “Deixa passar o meu povo”. A importância da presença dessas duas vozes no caderno se adensa pelo fato mesmo de que Alda o abre e Noémia, acompanhando apenas Agostinho Neto, tem dois poemas nele recuperados.

Se meu trabalho inicial deixou claro, portanto, o quase total apagamento das vozes de mulheres escritoras, a leitura das obras, poéticas ou não, publicadas depois de 1975 – aí incluídos *É nosso o solo sagrado da terra* (1978), de Alda, e *Sangue negro*, de Noémia, finalizado em 1951, e ao qual só se tinha acesso por policópias, até 2001, quando foi finalmente editado – demonstra, de forma inequívoca, ter razão Nelly Richard, quando afirma serem as mulheres “o traço que percorre, como um signo, esta região de colisão entre história e memória [...] porque as mulheres funcionam como o significante privilegiado da tensão ordem/revolta” (2002; p. 95).

A referida tensão se adensa quando pensamos em mulheres nascidas em África, cujo protagonismo, na história do continente, não pode ou deve ser minimizado ou mesmo esquecido. É o que nos mostra, por exemplo, a galeria de “retratos” de algumas dessas mulheres que são recuperados por duas jornalistas – Jacqueline Sorel (francesa) e Simonne Pierron Gomis (senegalesa) – na obra *Femmes de l’ombre & Grandes Royales: dans la mémoire du continent Africain* (2004)³.

Nela se resgam personagens históricas que por razões várias, como nos alerta a prefaciadora Fatou Sow, tiveram efetiva participação no âmbito político dos grupos étnicos a que pertenceram, muitas vezes indo além de suas “nações”, visto que mergulham no plano mítico e se expandem para o continente como um todo e até

2 Geralmente seu nome aparece assim, mas não há esta preposição.

3 Cito em francês por não ter podido traduzir, com precisão, a expressão “Grandes Royales”, pela qual, a meu ver, se faz um jogo com “Mulheres da sombra”, e, assim, poderia significar “Grandes Expoentes” em seus espaços de pertença.



mesmo para fora dele diaspóricamente, como sabemos. Há, nessa galeria, nomes bastante conhecidos por nós, como o da angolana N'zinga Mbandi (século XVI) ou o de Kimpa Vita (século XVIII), esta última transformada em “dona” ou mesmo “santa” Beatriz e que funda o grupo dos devotos antoninos no então Congo, depois Angola.

Por outro lado, não se pode esquecer que as mulheres sempre participaram das guerras contra os invasores, como registra, por exemplo, a *História geral das guerras angolanas*, de autoria de António de Oliveira de Cadornega, cujos três tomos são publicados em 1680, obra em que também a figura de Nzinga tem claro protagonismo.

Pouco a pouco me foi interessando essa ligação das mulheres direta e/ou indiretamente com as guerras, sobretudo as de libertação nacional e as civis que a sucederam em Angola e Moçambique, isso sem considerar os confrontos de outras ordens, por exemplo, em São Tomé e Príncipe e, de modo mais acirrado, na Guiné Bissau. Três obras consolidaram este meu interesse, a saber: *Diário de um exílio sem regresso* (2003) e *Cartas de Langidila e outros documentos* (2004), ambas de Deolinda Rodrigues, organizadas por seu irmão Roberto de Almeida, e ainda *O livro da paz da mulher angolana: as heroínas sem nome*, resultante das entrevistas feitas pelas escritoras Dya Kasembe e Paulina Chiziane, além de nove outras mulheres que recolheram testemunhos em seis províncias de Angola (Bié, Cabinda, Huíla, Kuanza Sul, Luanda e Malanje).

Terminada esta pesquisa sobre mulher e guerra, em 2010, resolvi ampliá-la com a poesia, já agora cobrindo os cinco países, e saindo das antologias do passado para a materialidade dos livros em si. Isso me obrigou a retomar as obras *É nosso o solo sagrado da terra*, de Alda Espírito Santo, e *Sangue negro*, de Noémia de Sousa, que se fazem o alicerce do cânone poético feminino dos cinco países como procurei demonstrar em *Bordejando a margem* (2007) e em “Dois olhares e uma guerra” (2014). Já agora chego ao segundo segmento deste artigo. Portanto:

2. Duas vozes em quase dueto

Alda e Noémia nasceram no mesmo ano de 1926 (Alda, em abril, e Noémia, em setembro). Também, por razões diversas, elas acabaram por se encontrar em Lisboa, talvez em 1951, quando a moçambicana, para fugir da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), acaba por exilar-se em Portugal onde Alda estava a estudar há mais tempo. Este auto-exílio de Noémia não faz com que sua militância arrefeça, daí participar do grupo que passa a denominar-se “A Grande Marcha” e do qual faziam parte futuros líderes dos movimentos de libertação nacional como, para ficar apenas com três nomes, Agostinho Neto, Amílcar Cabral e a própria Alda, pois as reuniões se davam em casa de sua tia, que passa à história da libertação como Tia Andreza.

Igualmente a santomense e a moçambicana começam a escrever seus poemas na segunda metade dos anos quarenta, ou seja, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, quando os povos colonizados de todo o mundo são convocados a unir-se contra os opressores. Lembro, a este propósito, a “Declaração dos povos colonizados” redigida por Kwame Nkrumah, em 1945, e lida no V Congresso Pan-Africano que se realizou em Manchester naquele ano. Cito um fragmento da declaração, a partir do ensaio de Albert Paul Lentin, “De Bandung a Havana”: “Nós proclamamos o direito, para todos os povos colonizados, de assumirem seu próprio destino... A longa noite está morta!... povos colonizados e povos oprimidos de todo o mundo, uni-vos!” (1977, p. 38).

Esta convocação com certeza chega às colônias portuguesas, bem como à metrópole onde muitos “ultramarianos” estudavam. A literatura que então começa a produzir-se responde a tal chamado. Não é por acaso,

parece-me, que os primeiros poemas de Alda sejam por esta lidos em 1946/47, como afirmado por Inocência Mata (2006, p. 12), e que o primeiro poema de Noémia traga a data de 1948. Os títulos das obras a nascerem dessas duas mulheres não são, pois, imotivados, e aqui os recupero: *É nosso o solo sagrado da terra* (Alda) e *Sangue negro* (Noémia).

Escritas, portanto, em um mesmo tempo e nas mesmas circunstâncias históricas, quando se gritava pelas independências africanas e se começava a lutar, pela palavra, por elas, as obras de Alda e Noémia acabam por se entrelaçarem. Formalmente, se se pensa a materialidade dos livros, vê-se que eles se organizam de um mesmo modo, ou seja, divididos em segmentos. No caso da primeira, seis. No da segunda, cinco. É claro, por fim, que, tendo sido escritos em três décadas, o número de poemas da santomense seja maior que os da moçambicana, estes produzidos entre 1948 (aliás, só há um poema datado desse ano) e 1951. O curto espaço de tempo das produções de Noémia cria uma densidade poética que muitas vezes falta aos de circunstância dos de Alda.

Tem razão Inocência Mata, ao opor, no caso de Alda, as produções anteriores à independência de São Tomé, que “constroem uma semântica subterrânea, clandestina” aos “do pós-independência [...] celebrativos, chegando ao panfletarismo poético” (2006, p. 15). Igualmente tem razão Francisco Noa, no ensaio que fecha *Sangue negro* (2011), quando afirma ser o tom maior da poesia de Noémia a criação de uma “voz poética” que “transcende, em largos momentos, os limites egotistas, espaciais e temporais, instituindo-se, de certo modo, como uma voz de aspiração plural e universalista” (2001, p. 155).

Não nos esqueçamos que a luta contra o opressor é ganha por Alda que, pelas funções políticas que passa a exercer, esforça-se por celebrá-la. Já Noémia, ainda “exilada” de Moçambique no próprio dia da festa da independência, não foi sequer convidada para dela participar. Nunca mais escreveu, a não ser alguns poemas dispersos, como mostra a edição de 2011.

Há, no entanto, também pontos de convergência por mim já levantados em “Dois olhares e uma guerra” e que não podem ser esquecidos no que chamaria de carpintaria poética de ambas as mulheres. Nela se dá uma espécie de estremecimento dos padrões versificatórios femininos africanos de um modo geral, pelo que saem do modelo Florbela Espanca, seguido por muitas poetisas, e passam a pactuar com os do neo-realismo português, especialmente com a carpintaria poética de Carlos de Oliveira.

O leitor das duas obras se depara com uma certa dissidência, no plano escritural, pois a rebeldia e insubordinação nos poemas pré-independência de Alda e nos que compõem *Sangue negro* impedem qualquer pacto de submissão da forma poética. Os versos ora têm um ritmo longo e quase frenético, ora se encurtam e como que estalam como se fossem sons de chicote ou ruídos de bala. Citam-se, como exemplos, fragmentos de dois longos poemas de ambas, a começar pelo de Noémia, intitulado “Passe”, para depois convocar o de Alda, ou seja, “No mesmo lado da canoa”:

PASSE

[...]

Nós somos os filhos adotivos e os ilegítimos,
que vossos corações tímidos, desejosos de comprar o céu – ou

[a vida,

vieram arrancar aos trilhos ladeados de micaias,
para depois nos lançarem, despídos das peles e das azagaias,
– ah, despojados dos diamantes do solo e do marfim,
despojados da nossa profunda consciência de homens –
nos tantos metros quadrados dos bairros de zinco e caniço!



[...]

Somos os despojados, somos os despojados!
 Aqueles a quem tudo foi roubado,
 Pátria e dignidade, Mãe e riquezas e crenças, e Liberdade!
 Até a voz da nossa Raça, da revolta dos nossos corpos
 [tatuados,
 nos foi roubada para embriaguez de vossos sentidos anémicos,
 arrastando-se nos bailes frios iluminados a electricidade...
 Despojados, ficámos nus e trémulos,
 nus na abjecta escravidão dos séculos...
 Mas com o calor da chama eterna das nossas fogueiras acesas,
 crepitando, rubras, sobre os dias e as noites,
 com vaga-lumes de protesto, de gritos, de esperança!

– Agora, que sabes quem somos,
 Não nos exijas mais a ignonímia do “passe” das vossas leis!
 6/9/1950

(SOUSA, 2001, p. 41-43)

NO MESMO LADO DA CANOA

As palavras do nosso dia
 são palavras simples
 claras como a água do regato,
 jorrando das encostas ferruginosas
 na manhã clara do dia a dia.

É assim que eu te falo,
 meu irmão contratado numa roça de café
 meu irmão que deixas teu sangue numa ponte
 ou navegas no mar, num pedaço de ti mesmo em luta
 [com o gandú

Minha irmã, lavando, lavando
 p’lo pão dos seus filhos,
 minha irmã vendendo caroço
 na loja mais próxima
 p’lo luto dos seus mortos,
 minha irmã conformada
 vendendo-se por uma vida mais serena,
 aumentando afinal as suas penas ...
 É para vós, irmãos, companheiros da estrada
 o meu grito de esperança
 convosco eu me sinto dançando
 nas noites de tuna
 em qualquer fundão onde a gente se junta,
 convosco, irmãos, na safra do cacau,
 convosco ainda na feira,
 onde o izaquente e a galinha vão render dinheiro.
 Convosco, impelindo a canoa p’la praia
 juntando-me convosco
 em redor do voador panhá
 juntando-me na gamela
 vadô tlebessá
 a dez tostões.

[...]

(SANTO, 1978, p. 77-78)

Este mesmo leitor, ao fechar a coletânea de Alda, percebe que o quadro que se cola em seu imaginário é o da terra de São Tomé, bem como a força do espaço físico das ilhas, com suas figuras humanas, as faces de seus heróis e a predação colonial, o que não significa que haja um aprisionamento poético a este lugar de pertença. É o que nos mostram três dos poemas que compõem o segmento “Aos combatentes da liberdade”, ou seja, “Voz negra das Américas – Angela Davis”; “Deolinda Rodrigues” e “Requiem para Amílcar Cabral”, todos sujeitos marcados pelo sinete da luta, sendo que os dois últimos morrem por quererem a libertação nacional, como sabemos.

Por sua vez, quando a última página de *Sangue Negro* se cola aos olhos, ao imaginário e mesmo aos ouvidos do leitor, o que ressoa do conjunto é a dor compartilhada do sujeito poético, que se solidariza, evidentemente, com o povo moçambicano, mas vai além dele, buscando um diálogo com os negros de todo o mundo, ou seja, com aqueles “condenados da terra” para aqui usar a bela e dolorosa imagem apresentada por Frantz Fanon em 1961. Não é por acaso que a poetisa traga para nós as vozes negras, por exemplo, dos cantores Marian Anderson e Paul Robeson em “Deixa passar o meu povo” (tradução de “Let my people go”) e a de outra intérprete americana, no poema “A Billie Holiday, cantora”, que Noémia transforma poeticamente em um quase duplo de si mesma, como adiante retomarei.

Assim, quero aqui, já para tentar ser mais breve, lembrar o fato de que o conjunto das duas obras nos traz as imagens de rostos e corpos de mulheres, sobretudo os de negras que se marginalizam totalmente na história branca, machista e patriarcal, com nuances diferentes nas duas coletâneas.

Nos poemas da santomense avultam figuras femininas da terra, ou melhor, de *sua* terra, cujas vozes ouvimos, como, por exemplo, as das negras lavadeiras de “Lá no água grande” que “a caminho da roça”

[...] batem que batem co'a roupa na pedra.
Batem e cantam modinhas da terra.
Cantam e riem em riso de mofa
histórias contadas, arrastadas pelo vento.
(SANTO, 1978, p. 35)

ou a das sanguês, ou seja, das vendedoras ambulantes cujos direitos estão ameaçados, ao que me parece (o poema não traz a data) já no país liberto. Tal se dá em “Pela vez primeira”:

PELA VEZ PRIMEIRA
Em frente da Câmara o colorido lenço das sanguês.
Cestas à cabeça, vozear sem fim...
Uma voz se levanta
Vão falar pela primeira vez
[...]
As mães vem à cidade vender
Mas o caroço não tem venda.
[...]
Pela vez primeira as sanguês vão falar.
Suas vozes sobem na onda da fome
E o caroço já tem venda.
(SANTO, 1978, p. 141)

Quanto aos da moçambicana, o espectro se alarga, pois ela, ao mesmo tempo, olha para a privação das mulheres de sua terra, envolvendo-as na sua capulana de palavras, como vai além, ao trazer para a cena de sua obra, como atrás aponte, por exemplo, Billie Holiday. Vejamos fragmentos de dois poemas, ou



seja, “Moças das docas” e “A Billie Holiday, cantora”. No primeiro, ouvimos a voz das prostitutas da então Lourenço Marques a dizerem:

Somos fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço.

[...]

Vimos...

E para além de tudo,
por sobre Índico de desespero e revoltas,
fatalismos e repulsas,
trouxemos esperança.

[...]

Sob o chicote da esperança,
nossos corpos capulanas quentes
embrulharam com carinho marítimos nómadas de outros
[portos,

saciaram generosamente fomes e sedes violentas...

Nossos corpos pão e água para toda a gente.

[...]

(SOUSA, 2001, p. 92-93)

Já no segundo é o eu poético mulher que ouve a voz de uma sua igual, em outra língua, mas a cantar a mesma solidão e desesperança:

Era de noite e no quarto aprisionado em escuridão
apenas o luar entrara, sorrateiramente
e fora derramar-se no chão.
Solidão. Solidão. Solidão.

E então,
tua voz, minha irmã americana,
veio do ar, do nada, nascida da própria escuridão...

[...]

E começava assim a canção:
“Into each heart some rain must fall...”

[...]

Billie Holiday, minha irmã americana,
continua cantando sempre, no teu jeito magoado
os “blues” eternos do nosso povo desgraçado...
Continua cantando, cantando, sempre cantando,
até que a humanidade egoísta ouça em ti a nossa voz.

[...]

(*Idem*, p. 134-135)

Assim, as mulheres se fazem a face por excelência na qual a opressão, a menos valia, a privação, enfim, deixaram suas marcas mais fundas. A ânsia de libertação das duas poetisas vai acirrar tais marcas e, por isso, é preciso cantar para a irmã do mato; as moças das docas; as lavadeiras; as sanguês e mesmo a cantora americana e seus blues em que fala de solidão. Todas igualmente irmãs e negras.

Noémia de Sousa e Alda Espírito Santo, ao oferecerem um lugar em seus textos para suas iguais em gênero e cor, as envolvem em suas quentes capulanas de palavras. O corpo feminino africano e negro é recuperado, nesse espaço de fraternidade consentida, pelo que se faz, ao mesmo tempo, emblema do martírio e da esperança. Por isso, o eu-lírico vai ao fundo da boca do silêncio em que tal corpo sempre esteve imerso, para que, através de sua imagem multiplicada no tecido poético, ele mostre as cicatrizes deixadas pela violência racial, colonial, ou mesmo, no caso de *É nosso o solo sagrado da terra*, aquelas que o neocolo-

nialismo, como temia Amílcar Cabral, só aprofundará. Isto explica por que Alda encerre seu livro gritando como mulher “Cela non vugu”, ou “Temos de avançar”.

<< CELA NON VUGU >>
 Cinco séculos estrangeiros no solo pátrio
 Regressamos do exílio da exploração
 Expulsando com a força do povo
 O colosso colonial e seus sequazes.
 A máquina orquestrada do colono
 Sequelas legou no palco montado
 Instalado para eternizar.
 Mas eterna na perenidade do tempo
 É a alavanca do reconstruir
 Desmontando tronos seculares
 Injustiças cavadas nas montanhas
 Levantando das ruínas dos pântanos
 Um povo em marcha que avança.

(SANTO, 1978, p. 181)

Também Noémia pactua com tais mulheres, no tempo de sua escrita ainda aprisionadas pelos liames que o imperialismo português impunha. Por isso, em *Sangue negro*, o último poema da coletânea, encerrada em 1951, a fecha, voltando ao título do livro africanamente, com o fim e o princípio a enlaçarem-se, e clamando por sua Mãe África:

SANGUE NEGRO

Ó minha África misteriosa e natural,
 minha virgem violentada,
 minha Mãe!

Como eu andava há tanto desterrada,
 de ti alheada
 distante e egocêntrica
 por estas ruas da cidade!
 engravidadas de estrangeiros

Minha Mãe, perdoa!

Como se eu pudesse viver assim,
 desta maneira, eternamente,
 ignorando a carícia fraternamente
 morna do teu luar
 (meu princípio e meu fim)...
 Como se não existisse para além
 dos cinemas e dos cafés, a ansiedade
 dos teus horizontes estranhos, por desvendar..
 Como se nos teus matos cacimbados
 não cantassem em surdina a sua liberdade,
 as aves mais belas, cujos nomes são mistérios ainda fechados!

[...]

(SOUSA, 2001, p. 140)



Para concluir, diria que Alda e Noémia nos mostram a dor e a revolta, mas, também, legando-nos as suas memórias e dando-nos o testemunho do por elas vivido, nos ensinam, tanto tempo depois, que não devemos calar e que precisamos continuar a crer que ainda é tempo de cantar a esperança.

REFERÊNCIAS:

- CABRAL, Amílcar. *A arma da teoria*. Coord. Carlos Comitini. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- CADORNEGA, António de Oliveira de. *História geral das guerras angolanas*. 1680. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1972 (Anotado e corrigido por José Matias Delgado), 3 vv.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2 ed. Trad. José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. Prefácio de Jean-Paul Sartre.
- KASEMBE, Dya e CHIZIANE, Paulina (Org). *O livro da paz da mulher angolana: as heroínas sem nome*. Luanda: Nzila, 2008
- LENTIN, Albert-Paul. De Bandung a Havana. In: SANTIAGO, Theo (Org.) *Descolonização*. Trad. Antônio M.G. Filho; Theo Santiago e José F. Dias. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977, pp. 97-59.
- MATA, Inocência e PADILHA, Laura (org.) *A poesia e a vida: Uma homenagem a Alda Espírito Santo*. Lisboa: Colibri, 2006.
- PADILHA, Laura Cavalcante (Org.). FABIANI, Alex; SILVA, Luciane Alves da; MELONI, Otávio Henrique e BARROS, Pedrina. *Bordejando a margem: Poesia escrita por mulheres – Uma recolha do Jornal de Angola (1954-1961): Breve antologia*. Luanda: Kilombelombe, 2007 (Coleção “Ciências Humanas e Sociais”).
- PADILHA, Laura Cavalcante. Dois olhares e uma guerra. In *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Vol. 68. Coimbra: Ed. CES – Centro de Estudos Sociais, 2014. pp. 117-128.
- RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- RODRIGUES, Deolinda. *Diário de um exílio sem regresso*. Luanda: Nzila, 2003 (Edição do texto: Roberto de Almeida).
- RODRIGUES, Deolinda. *Cartas de Langidila e outros documentos*. Luanda: Nzila, 2004. (Trad. Das cartas em kimbundo e edição: Roberto de Almeida)
- SANTO, Alda Espírito. *É nosso o solo sagrado da terra*. Lisboa: Ulmeiro, 1978.
- SOREL, Jacqueline e GOMIS, Simonne Pierron (orgs). *Femmes de l'ombre et Grandes Royales: Dans la mémoire du continent africain*. Préface de Fatou Sow. Paris, Présence Africaine: 2004.
- SOUSA, Noémia de. *Sangue negro*. Maputo. Associação dos Escritores Moçambicanos, 2001.
- TENREIRO, Francisco José e ANDRADE, Mário Pinto de. *Poesia negra de expressão portuguesa*. Prefácio de Manuel Ferreira. Linda-a-Velha: África, 1982.

Texto recebido dia 20 de maio de 2016 e aprovado dia 20 de maio de 2016.